

# ATIVIDADE EDUCATIVA SOBRE POBREZA MENSTRUAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*EDUCATIONAL ACTIVITY ON MENSTRUAL POVERTY: EXPERIENCE REPORT*

*ACTIVIDAD EDUCATIVA SOBRE POBREZA MENSTRUAL: INFORME DE  
EXPERIENCIA*

✉ Francilene Brito de Oliveira<sup>1</sup>, ✉ Cintia Raquel da Silva Castro<sup>2</sup>, ✉ Marília Silva Herculano<sup>3</sup>, ✉ Talita Silva de Lima<sup>4</sup> e ✉ Francisca Amanda Ximenes Nobre<sup>5</sup>

## RESUMO

Socializar a experiência de uma atividade educativa sobre a pobreza menstrual no ambiente escolar. Relato de experiência desenvolvido por profissionais da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade do município de Horizonte – Ceará, no período de junho de 2023, tendo como público-alvo crianças e adolescentes, na faixa etária de 11 a 14 anos, matriculadas em uma escola de ensino fundamental. Para a sistematização, utilizou-se o método elaborado por Oscar Holliday, a proposta em cinco tempos. A atividade educativa trouxe à tona um importante debate sobre o cuidado menstrual, além disso, serviu de base para que as alunas sejam futuras multiplicadoras da discussão sobre a pobreza menstrual. Observou-se o quanto a pobreza menstrual ainda é permeada de tabus, situação que reflete na escassez das bases de dados, políticas públicas e ações voltadas para a promoção da dignidade íntima.

**Descritores:** *Menstruação; Mulheres; Populações Vulneráveis.*

## ABSTRACT

To share the experience of an educational activity on menstrual poverty in the school environment. Experience report developed by professionals from the Multiprofessional Residency in Family and Community Health in the municipality of Horizonte - Ceará, in the period of June 2023, targeting children and adolescents aged 11 to 14, enrolled in an elementary school. For the systematization, we used the method developed by Oscar Holliday, the proposal in five stages. The educational activity brought up an important debate on menstrual care, and also served as a basis for the students to be future multipliers of the discussion on menstrual poverty. It was observed that menstrual poverty is still permeated by taboos, a situation that is reflected in the scarcity of databases, public policies and actions aimed at promoting intimate dignity.

**Keywords:** *Menstruation; Women; Vulnerable Populations.*

## RESUMEN

Socializar la experiencia de una actividad educativa sobre la pobreza menstrual en el ámbito escolar. Informe de experiencia desarrollado por profesionales de la Residencia Multiprofesional en Salud Familiar y Comunitaria del municipio de Horizonte, Ceará, en junio de 2023, dirigido a niñas y adolescentes de 11 a 14 años matriculadas en una escuela primaria. Para la sistematización, utilizamos el método ideado por Oscar Holliday, la propuesta de los cinco tiempos. La actividad educativa trajo a colación un importante debate sobre el cuidado menstrual, además de servir de base para que las alumnas sean futuras multiplicadoras de la discusión sobre la pobreza menstrual. Se observó que la pobreza menstrual aún está permeada por tabúes, situación que se refleja en la escasez de bases de datos, políticas públicas y acciones dirigidas a promover la dignidad íntima.

**Descritores:** *Menstruación; Mujeres; Poblaciones vulnerables.*

<sup>1</sup> Escola de Saúde Pública do Ceará, Fortaleza/CE - Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA - Brasil.

<sup>3</sup> Escola de Saúde Pública do Ceará, Fortaleza/CE - Brasil.

<sup>4</sup> Escola de Saúde Pública do Ceará, Fortaleza/CE - Brasil.

<sup>5</sup> Escola de Saúde Pública do Ceará, Fortaleza/CE - Brasil.

## INTRODUÇÃO

A pobreza menstrual é um conceito que reúne em duas palavras um fenômeno complexo, transdisciplinar e multidimensional, vivenciado por meninas e mulheres devido à falta de acesso a recursos, infraestrutura e conhecimento, para que tenham plena capacidade de cuidar da sua menstruação. É recorrente o total desconhecimento do assunto ou, quando existe algum conhecimento, há a percepção de que esse é um problema distante da realidade brasileira<sup>1</sup>.

A complexidade que envolve esse fenômeno se caracteriza por inúmeros aspectos, dentre os quais se destaca a ausência de absorventes descartáveis ou de tecidos, coletores reutilizáveis e materiais de higiene pessoal. Há, ainda, questões cuja magnitude evidencia a falta de banheiros, principalmente em equipamentos públicos. Além disso, a situação se torna um agravante em locais que não possuem serviços de esgoto, água, coleta de lixo e limpeza pública, o que corrobora para que a higiene menstrual não seja efetivada em sua integralidade<sup>1</sup>.

Desse modo, a precariedade menstrual é visualizada em diversos países, sobretudo, pela restrição de produtos menstruais. Tal restrição tem como base as baixas condições sociais vivenciadas pela população feminina. Essa situação repercute diretamente na adoção de medidas prejudiciais durante o período menstrual, pois as mulheres e meninas utilizam de forma emergencial folhas de jornal, sacolas plásticas, meias e panos velhos para a contenção do fluxo sanguíneo acabam colocando sua saúde em risco<sup>2</sup>.

As consequências geradas pela pobreza menstrual perpassam as questões de saúde, reverberando em outros espaços, a citar como exemplo a educação, visto que por não conseguirem gerenciar seu período menstrual de forma adequada, devido à precariedade menstrual vivenciada, meninas e adolescentes chegam ao extremo de optarem por não frequentar a escola. A partir desse contexto, “[...] uma a cada três jovens já deixou de frequentar a escola por falta de absorventes, 20% das jovens de 14 a 24 anos já deixaram de ir à escola por não possuírem absorventes”<sup>3</sup>.

Frente ao exposto, o objetivo deste trabalho é socializar a experiência de uma atividade educativa sobre a pobreza menstrual, desenvolvida pela equipe de Residentes em Saúde da Família e Comunidade, em uma escola de ensino fundamental localizada no município de Horizonte – Ceará. A atividade tem o propósito de levar conhecimento sobre a pobreza menstrual, incentivando o cuidado de higiene adequado para o período menstrual. Vale ressaltar a importância do estudo em questão, em razão de sua relevância social, uma vez que a pobreza menstrual incide diretamente na vida de crianças e adolescentes em idade escolar que, em virtude da sua situação de vulnerabilidade social, são invisibilizadas pelo poder público.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo e descritivo, do tipo relato de experiência, de uma atividade educativa em saúde realizada por profissionais residentes da Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Comunidade da Escola de Saúde Pública do Ceará (ESP/CE), os quais estão inseridos em Unidades Básicas de Saúde (UBS), no município de Horizonte – Ceará.

A atividade educativa foi planejada e facilitada pela residente de Serviço Social, com a colaboração das residentes de Enfermagem, Odontologia e Nutrição. Sua efetivação ocorreu no período de junho de 2023, tendo como público-alvo crianças e adolescentes, na faixa etária de 11 a 14 anos, matriculadas em uma escola de ensino fundamental localizada no município de Horizonte – Ceará. O momento teve duração aproximada de 60 minutos, contou com a participação de 60 alunas e foi finalizado com a entrega do kit de absorventes do programa Dignidade Íntima. O programa em questão foi instituído no município pela Lei 1.450/2021, com a proposta de promover ações da política municipal em relação à dignidade menstrual.

O encontro foi realizado via exposição oral pelas facilitadoras, e a atividade educativa abordou temáticas como: pobreza menstrual e dignidade íntima. Para a realização da atividade, utilizamos materiais de fácil acesso como caixinha de som, balões, canetinhas e papéis coloridos. No que tange a avaliação e análise da aprendizagem, foram utilizadas observações e relatos subjetivos das participantes, além disso, a ação foi registrada via diário de campo e fotos. Visando a sistematização da experiência, que propõe compreender e sistematizar a experiência vivida de forma crítica e reflexiva, utilizaremos a proposta em cinco tempos elaborada por Oscar Holliday, cujo passo a passo consiste em: o ponto de partida, as perguntas iniciais, recuperação do processo vivido, a reflexão de fundo e os pontos de chegada<sup>4</sup>.

## **RESULTADOS**

### *PRIMEIRO TEMPO: O PONTO DE PARTIDA (PARTICIPAÇÃO E REGISTRO DAS EXPERIÊNCIAS)*

O primeiro tempo é intitulado como ponto de partida, pois se caracteriza pela participação efetiva na atividade que será sistematizada. Nessa fase, é indispensável a produção dos registros, sejam eles via diário de campo, fotos ou vídeo, uma vez que só assim será possível reproduzir o momento tal como foi.

Ao chegarmos no ambiente escolar, fomos acolhidas pela coordenação da instituição que previamente sinalizou sobre o quantitativo de alunas, faixa etária e série. Posteriormente, fomos apresentadas para as alunas, as quais foram muito receptivas. Iniciamos nosso primeiro contato de forma descontraída por meio de uma dinâmica intitulada “a caminho da felicidade”, em que cada participante era responsável por proteger seu balão. Para isso, ao jogá-lo para o alto, todas deveriam criar estratégias para que o seu balão permanecesse intacto. O momento gerou inúmeras risadas e possibilitou uma conexão incrível entre as partes envolvidas, o que colaborou para que a exposição da temática alcançasse seu objetivo preliminar.

### *SEGUNDO TEMPO: PERGUNTAS INICIAIS*

No segundo tempo, é importante seguirmos três recomendações essenciais, são elas: a definição do objetivo da sistematização, a delimitação do objeto e a definição do eixo de sistematização, pois estas irão determinar o resultado esperado da sistematização.

Dessa maneira, experienciar a atividade proposta com as alunas permitiu, a partir da ludicidade, um olhar ampliado sobre as repercussões geradas pela pobreza menstrual no cotidiano de meninas que vivenciam situações de vulnerabilidade. As estratégias

adotadas por meio da atividade educativa no contexto escolar evidenciaram infinitas possibilidades de fazer saúde, fomentando principalmente o fortalecimento da atuação da residência multiprofissional para além dos muros das unidades de saúde, promovendo saúde nos ambientes sociais.

#### *TERCEIRO TEMPO: RECUPERAÇÃO DO PROCESSO VIVIDO*

No que concerne ao terceiro tempo, é imprescindível enfatizar os aspectos descritivos acerca da experiência a partir de dois momentos essenciais: reconstruir a história, ordenar e classificar as informações. Sendo assim, inicialmente, as atividades dividiram-se em três momentos: explanação teórica da temática, dinâmica tira-dúvidas e entrega do kit de absorventes vinculados ao programa Dignidade Íntima.

Para a explanação da temática, utilizamos uma abordagem lúdica que se efetivou por meio da troca compartilhada de saberes na qual foram lançados dois questionamentos: o que é a pobreza menstrual? E qual a importância da dignidade íntima? A partir da interação das alunas frente às indagações, iniciamos a caracterização do que é pobreza menstrual e apresentamos suas principais implicações diante do manejo inadequado da menstruação.

No segundo momento, propusemos a seguinte dinâmica: as alunas recebiam papéis e canetas para escrever dúvidas relacionadas aos assuntos abordados e, a partir disso, todas colocavam seu papel em uma caixinha. Em seguida, a caixinha foi passada de mão em mão até a música parar. Quem estava com a caixinha quando a música parava, retirava o papel e, em conjunto, esclarecíamos a dúvida exposta. Por fim, no terceiro momento, as alunas foram convidadas pela equipe da escola para receberem o kit de absorventes do programa Dignidade Íntima.

#### *QUARTO E QUINTO TEMPO: A REFLEXÃO DE FUNDO E OS PONTOS DE CHEGADA*

No quarto e quinto tempo do método em questão, são feitas a análise, síntese e interpretação crítica do processo. Portanto, destaca-se nesse momento a formulação de conclusões e comunicação da aprendizagem. A partir dessa premissa, ao adentrarmos no espaço escolar nos deparamos com diversas realidades, uma vez que ao buscarmos fomentar ações sobre a pobreza menstrual no ambiente escolar, percebemos que o acesso a informações pertinentes à saúde feminina ainda é restrito e limitado ao campo da saúde.

Durante a promoção da atividade, as narrativas das alunas eram permeadas de tabus sobre a menstruação e principalmente de desconhecimento sobre cuidados básicos referentes ao período ideal para troca de absorventes, como higienizar a região íntima, puberdade e o que fazer diante das cólicas menstruais. Ou seja, ainda nos deparamos com lacunas existentes frente a situações que deveriam ter ampla repercussão. Ao propormos a discussão no espaço escolar, observamos pela chuva de perguntas o quão as alunas, embora envergonhadas, utilizaram o momento para desmistificar questões relacionadas ao cuidado corporal, que até então estavam baseadas em senso comum.

Com base nas percepções apreendidas, podemos destacar a efetividade dos resultados da atividade educativa realizada no ambiente escolar, visto que a comunicação da aprendizagem transcende os muros da escola, tendo em vista que as alunas serão multiplicadoras dos conhecimentos adquiridos.

## DISCUSSÃO

Demonstramos, por meio deste relato, que a realização da ação educativa relacionada à pobreza menstrual serviu de base para a democratização de informações relacionadas à temática, visto que possibilitou a troca de saberes e conseqüentemente contribuiu para a desmistificação dos tabus que permeiam o cuidado menstrual.

Nesse sentido, é importante destacar que a incompreensão sobre o cuidado menstrual afeta grande parcela da população feminina, principalmente meninas e mulheres vulneráveis que não possuem meios apropriados para realizar a higienização correta no período menstrual. Além disso, para meninas que se encontram em determinadas idades, ainda há a dependência financeira por parte dos pais, inviabilizando a compra de alguns produtos que estão fora do orçamento familiar devido à vulnerabilidade social existente<sup>1</sup>.

A privação de direitos básicos para prover minimamente o cuidado com a higiene menstrual incide diretamente na vida de meninas que, em razão de questões sociais e econômicas, são atravessadas por situações constrangedoras que reverberam em seu pleno desenvolvimento. Nesse viés, é necessário esclarecer que “a privação desses direitos caracterizados pela pobreza menstrual é, portanto, um problema multidimensional que exige uma abordagem multidisciplinar, visando solucionar os problemas decorrentes da não garantia dos direitos humanos”<sup>1</sup>.

Em virtude de tais privações, o aprendizado de meninas em idade escolar que vivenciam a precariedade menstrual é inteiramente comprometido, tendo em vista que, uma menina menstruada não consegue ter atenção plena na aula ao estar com dores ou com receio de sujar suas roupas por não estarem devidamente protegidas<sup>5</sup>. No Brasil, há 7,5 milhões de meninas que menstruam no ambiente escolar<sup>6</sup>. Segundo esses dados, cerca de 321 mil alunas estudam em escolas que não possuem banheiros em condições de uso, dentre essas alunas, 121 mil estão no Nordeste, ou seja, 37,8% do total de meninas que estudam em escolas sem banheiros adequados<sup>6</sup>.

Escolas sem sanitários próprios para uso representam o extremo de um quadro que, mesmo quando menos insalubre, corrói o futuro que a educação promete – em especial para a população que menstrua<sup>5</sup>. Para além da infraestrutura no espaço escolar, é necessário que a escola seja funcional e contenha todos os elementos que são primordiais para o uso pessoal no período menstrual<sup>5</sup>. Todo cenário de insegurança que envolve a menstruação corrobora para que o absenteísmo escolar ocorra.

O absenteísmo escolar é um dos principais impactos ocasionados pela pobreza menstrual na vida de meninas em idade escolar, o que, por sua vez, gera outras repercussões, como desempenho inferior em avaliações e desenvolvimento socioemocional prejudicado, além de contribuir para um maior estresse, menor motivação e menor sentimento de pertencimento à escola<sup>7</sup>. Em razão das expressões do fenômeno do absenteísmo escolar, a escola se torna um importante instrumento para o fomento de ações de promoção da saúde para crianças e adolescentes.

O acesso a informações em saúde proporciona um autoconhecimento do próprio corpo pelas meninas e colabora para uma desnaturalização de dores menstruais, que mascaram problemas como a endometriose, por exemplo. Esse e vários outros problemas não sendo diagnosticados trazem inúmeros sofrimentos para os corpos que menstruam<sup>8</sup>.

Quebrar os tabus e o silêncio sobre a menstruação inclui educar as jovens que menstruam, seus pais e as comunidades sobre esse processo fisiológico normal. As organizações e associações de saúde podem desempenhar um papel fundamental como fontes confiáveis de informação sobre a menstruação, o que impacta positivamente no combate à pobreza menstrual<sup>9</sup>.

Diante do exposto, é necessário reforçar que o cuidado em saúde promovido por meio de ações educativas são capazes de viabilizar a qualidade de vida, divulgando os direitos sociais e os serviços de saúde disponíveis no território, fazendo com que a população participe ativamente junto aos serviços de saúde, buscando estratégias de transformação da realidade, pois é importante perceberem que a responsabilidade pela promoção da saúde é de todos (usuários, comunidade, profissionais de saúde e gestores)<sup>10</sup>.

## CONCLUSÃO

Evidenciamos que a atividade educativa ministrada pelas profissionais de saúde residentes foi essencial e determinante para o combate à invisibilização que permeia a pobreza menstrual. A partir da explanação da temática abordada, o momento propiciou diversas potencialidades, a citar como exemplo a efetivação da atividade por meio da intersetorialidade, o fortalecimento de vínculo com a comunidade do território, promoção da saúde e cidadania, atenção à higiene, divulgação de informações referentes aos serviços de saúde e incentivo à autonomia corporal das crianças e adolescentes.

No entanto, ressaltamos que o presente estudo apresentou algumas limitações, principalmente, no que se refere à notoriedade social da temática, situação que se expressa na carência das bases de dados relativas ao assunto. Além disso, percebe-se o quanto as ações de educação em saúde ainda são incipientes, uma vez que atingiu apenas algumas parcelas da população. Outro entrave encontrado foi a ausência da educação menstrual no ambiente escolar. Nesse viés, o tema proposto suscitou a discussão no intuito de promover reflexões sobre a pobreza menstrual enquanto questão de saúde pública. Os resultados encontrados neste trabalho poderão subsidiar futuros estudos que busquem combater a pobreza menstrual por meio da educação em saúde. Deixa-se como sugestão que outros temas voltados para a dignidade íntima sejam abordados com a população feminina nos mais diversos espaços.

## REFERÊNCIAS

1. UNICEF; UNFPA. Pobreza Menstrual no Brasil: Desigualdades e Violações de Direitos. UNICEF; 2021. [acesso 2023 Jul 20]. Disponível em: [https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual\\_relatorio-unicef-unfpa\\_mai2021.pdf](https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual_relatorio-unicef-unfpa_mai2021.pdf)
2. Un Women. Infographic: End the stigma. Period [Internet]. New York: Un Women; 2019. [acesso 2023 Jul 20]. Disponível em: <https://www.unwomen.org/en/digital-library/multimedia/2019/10/infographic-periods>.
3. Espro. Pesquisa revela que a pobreza menstrual atinge 47% das jovens negras e de famílias de menor renda no país [Internet]. São Paulo: Espro; 2022. [acesso 2023 Aug 23]. Disponível em: <https://www.espro.org.br/pesquisa-pobreza-menstrual/>.
4. Holliday OJ. Para sistematizar experiências. Tradução de Resende MVV. 2. ed. Brasília: MMA; 2006. 128 p.
5. Bahia L. Livro para menstruar: pobreza menstrual e a educação de meninas. São Paulo: Girl Up, Herself Educaconal; 2021. [acesso 2023 Sep 13] Disponível em:

<https://movimentomulher360.com.br/wp-content/uploads/2021/10/LivreParaMenstruar-Pobreza-menstrual-e-a-educac%CC%A7a%CC%83o-de-meninas.pdf>

6. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar: 2015. Rio de Janeiro: IBGE; 2016. 132 p. [acesso 2023 Sep 13] Disponível em:

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em 15 out. 2023.

7. Ansari A, Gottfried MA. The Grade-Level and Cumulative Outcomes of Absenteeism. *Child Dev.* 2021;92(4):e548-64. DOI: <https://doi.org/10.1111/cdev.13555>.

8. Tarzibachi, E. *Cosas de Mujeres: Menstruación, Género y Poder*. Sudamericana. 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/3/folders/0AHza5BWuGcXgUk9PVA>. Acesso em: 09 mar. 2024.

9. Sommer M, Mason DJ. Period Poverty and Promoting Menstrual Equity. *JAMA Health Forum.* 2021;2(8):e213089. DOI: <http://doi.org/10.1001/jamahealthforum.2021.3089>.

10. de Almeida Gomes Bezerra C, Luiza de Paulo Evangelista A, Kelly Soares de Lima R, Jadson Franco Moreira F. O serviço social na estratégia saúde da família e a promoção da saúde: uma revisão sistemática baseada no método prisma. *Cadernos ESP [Internet]*. 4º de outubro de 2019 [citado 19º de março de 2024];12(1):69-7. Disponível em:

<https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/132>.